



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

O Jornalismo Policial do “Hoje em Dia” e Sua Função Social¹

Autores: Ana Carolina Melo Possas
Ronaldo de Oliveira Campbell Júnior²

Alunos da Universidade Federal de Viçosa

Resumo

O Jornalismo Policial é responsável por apurar fatos que envolvam, sobretudo, a polícia e os infratores das leis. Teoricamente, os princípios de um bom veículo jornalístico estão fundamentados na imparcialidade de seus repórteres e editores, nos princípios éticos e na seriedade e precisão da apuração dos fatos. Dentro desse contexto, o que se pretende neste trabalho traduz-se pela análise e contestação da “banalização” das notícias policiais nos jornais impressos. Para tal, foi escolhido como objeto de estudo e verificação, notícias e reportagens veiculadas no jornal “Hoje em Dia”, de Belo Horizonte, utilizando-se como principal questão a existência, ou não, de uma função social nas matérias policiais do periódico.

Palavras-chave

Jornalismo Policial; “Hoje em Dia”; Função Social.

Abstract

Police Journalism is responsible for investigating ordinary facts that involve police and law's offenders. In fact, the characteristics of a great media enterprise are the impartiality of reporters and editors, ethics, and the precise and serious way in the investigation of some situations. In this context, the present work wants to analyze and deny the apparent “banality” of news about police actions in the newspapers. To reach this objective, a newspaper called “Hoje em Dia” from Belo Horizonte, a city in the state of Minas Gerais, was chosen. It was used as an object to study the news and stories which have some kind of relation with police. So, in this way, the main question is: Is there a social function in the police stories of “Hoje em Dia”?

Key words

Police Journalism; “Hoje em Dia”; Social Function

Sub-área: Jornalismo e Editoração

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior.

² Ambos são estudantes do sétimo período do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa. E-mails: Ana Carolina (minademinas@bol.com.br); Ronaldo (bbbcampbell@bol.com.br).



Introdução

Narrar a violência. A divulgação de crimes e julgamentos não surgiu na contemporaneidade. Textos especializados em fatos policiais existem desde aproximadamente 1830. As publicações de notícias sobre estelionatos, roubos, seqüestros, assassinatos, estupros e assaltos compõem o que hoje é denominado jornalismo policial.

Como o próprio nome já diz, tal gênero é responsável por apurar fatos que envolvam, sobretudo, a polícia e os infratores das leis. O jornalista tem então a tarefa de ser mais do que um mero transmissor dos boletins de ocorrências policiais. Deve criar espaços, em sua apuração, para depoimentos de todos os lados envolvidos em um caso, ou seja, policiais, vítimas, testemunhas e acusados.

À divulgação de notícias de cunho policial podem ser atribuídos inúmeros significados. Entre eles, não só está o interesse das pessoas em saber sobre os crimes, como também o desejo de justiça. Dependendo do veículo, o jornalismo policial pode até ser usado como forma de propaganda por parte das autoridades, a fim de mostrar que a justiça está sendo de fato efetuada.

Teoricamente, os princípios de um bom veículo jornalístico estão fundamentados na imparcialidade de seus repórteres e editores, nos princípios éticos e na seriedade e precisão da apuração dos fatos. Na prática, porém, nem sempre é o que acontece. Uma vez que o repórter abre espaço para todos os lados da questão, involuntariamente desenvolve sua opinião sobre determinados assuntos, passando a deixar a imparcialidade de lado. Tanto o fato quanto os elementos que o constituíram passam a ser interpretados e publicados conforme os interesses e aspirações que permeiam não só o repórter, como também o veículo para o qual ele trabalha. Além do mais, para vender, é preciso que se conte uma boa história.

Outro fator importante é o de que impunidade e condenação formam paradoxos de emoções que muitas vezes são retratadas de forma sensacionalista, visando apenas à sustentação comercial do veículo, abandonando o viés jornalístico. Tal sensacionalismo acaba por denegrir diretamente mesmo a imagem do jornalismo sério e imparcial, o que potencialmente motiva o leitor a tratar as notícias criminais como fatos cotidianos.

Dentro desse contexto, Dentro desse contexto, o que se pretende neste trabalho traduz-se pela análise e contestação da “banalização” das notícias policiais nos jornais impressos. Para tal, foi escolhido como objeto de estudo e verificação, notícias e



reportagens veiculadas no jornal “Hoje em Dia”, de Belo Horizonte. A principal questão a ser discutida e respondida é: existe alguma função social nas matérias policiais do “Hoje em Dia”? Deve-se deixar claro que o que se entende por função social consiste em tudo que o jornal publica em prol de uma efetiva transformação social.

Para a escolha e análise das matérias usadas como objeto de pesquisa, foi utilizada a seguinte metodologia:

1. Recorte das matérias policiais do jornal no período compreendido entre três e nove de outubro de 2005 (segunda a domingo);
2. Seleção das matérias cujas manchetes constavam na capa do jornal, resultando em 14 textos;
3. Análise das notícias e manchetes;
4. Leitura de textos e artigos relacionados ao tema “jornalismo policial” e à estrutura do texto jornalístico.

O “Hoje em Dia”

A circulação do impresso, que em 2006 completa 18 anos, compreende, em sua maioria, o estado de Minas Gerais. Seu preço é de R\$1,00 de segunda a sábado e R\$2,00 aos domingos. É destinado a uma classe que possui um poder aquisitivo entre médio e baixo, conclusão que pôde ser tirada por meio da análise de pautas e manchetes, que geralmente abordam assuntos ligados ao nível de renda e interesse dos leitores, além do próprio preço.

O jornal não possui uma identificação da editoria de polícia específica. As matérias policiais vêm incluídas no Caderno Minas juntamente com notícias de outras cidades do estado, divulgação de óbitos, informes públicos, editais para concurso, entre outras.

Manchetes

Constituem o resumo da notícia. São usadas na primeira página e indicam a localização do texto dentro do jornal. Seu texto precisa atrair a atenção do leitor para as páginas internas com informação completa em si.

Iniciando pela análise das manchetes pode-se dizer que estas nem sempre proporcionam a idéia sobre a qual o texto está se referindo. Algumas vezes, contradições foram percebidas. Eis alguns exemplos:



“Denúncia de maus tratos fecha mais um asilo” – Sábado 08/10/2005

“Família foge do tráfico e tem casa incendiada” – Sábado 08/10/2005

“Homem enforcado por adolescente na Rua da Bahia” – Domingo 09/10/2005

Na primeira manchete, tem-se a noção de que o respectivo asilo já foi fechado, o que foi desmentido pela própria notícia. Embora a interdição tivesse sido determinada pela Vigilância Sanitária, a casa de repouso continuava funcionando. Na segunda manchete, o erro principal esteve na ambigüidade em relação à matéria, que ora afirmava que a família havia fugido e ora dizia que ela havia sido expulsa. Já na terceira, de acordo com a apuração, o suspeito ainda estaria em fase de investigação, então não seria adequado afirmar que ele era o culpado do crime.

Uma vez que as manchetes são as principais responsáveis por atraírem o leitor do jornal, seria incorreto “o anúncio prometer mais que a matéria realmente contém ou afirmar algo que nela não existe”³.

Outra observação também pode ser feita em algumas das manchetes e diz respeito à maneira como foram formuladas as seguintes frases:

“Norte de Minas Gerais descobre o segundo falso médico” – Sábado 08/10/2005

“Família foge do tráfico e tem casa incendiada” – Sábado 08/10/2005

Em ambas as manchetes as ações foram atribuídas a substantivos, no caso, *“Norte de Minas Gerais”* e *“tráfico”*. Não é possível que uma região inteira seja responsável pela descoberta de um falso médico, visto que a denúncia proveio de médicos que desconfiaram da ação criminosa do farsante. O mesmo acontece no segundo caso. O tráfico não pode responder pela fuga de uma família. Se esta fugiu, foi devido à atuação de certos traficantes.

Matérias

Em relação às matérias, é possível constatar que os fatos noticiados geralmente ocorrem na região metropolitana de Belo Horizonte, com algumas exceções apuradas pelas sucursais. O conteúdo das notícias não foi muito além da retratação dos

³ GARCIA, L.(Org). O Globo: manual de redação e estilo. São Paulo. Globo, 1988



acontecimentos, exceto em alguns casos como o da matéria sobre o enterro da secretária Elizabeth Pinheiro (03/10/2005), em que houve um espaço para que as pessoas que possuíam algum parente desaparecido pudessem fazer desabafos, cobrando mais investigações por parte da polícia.

Um outro exemplo está na matéria do dia 04/10/2005, cuja manchete é: “*Zona Norte lidera homicídios*”, que “coincidentemente” foi publicada um dia depois da notícia sobre o enterro de Elizabeth, em que todos os entrevistados reclamavam da falta de ação policial. Esse foi um dos poucos casos em que, além de simplesmente contar que a Polícia Civil e a Polícia Militar estariam promovendo uma ação de “caça” aos 10 principais criminosos de Belo Horizonte, o jornal publicou em uma retranca os motivos pelos quais a violência estaria atrelada à pobreza.

Um problema quando se trata de jornalismo policial é o sensacionalismo. Atualmente, um dos debates da Comunicação está em justamente traçar uma correta definição do termo e enquadrá-lo nos mais diversos veículos midiáticos. De acordo com o dicionário Aurélio a palavra sensacionalismo significa: “*S.m.* 1. Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. 2. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos etc., com o mesmo fim. 3. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte etc”.⁴

Conforme definição de Pedrosa (1983), “as principais regras definidoras da prática ou do modo sensacionalista de produção do discurso de informação no jornalismo diário” são as seguintes:

“Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica(...); valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional(...); destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; valorização de conteúdos ou temáticas isoladas, com pouca possibilidade de desdobramento nas edições subseqüentes e sem contextualização político-econômico-social-cultural(...); produção discursiva sempre trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica; especificidade discursiva de jornal empresarial-capitalista, pertencente ao segmento popular da grande empresa industrial-urbana, em busca de consolidação econômica ao mercado jornalístico; escamoteamento da questão do popular, apesar do pretenso engajamento com o universo social marginal;(...).”⁵

⁴ HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986

⁵ PEDROSO, Rosa Nívea. A Produção do discurso de Informação num Jornal Sensacionalista. Rio de Janeiro, UFRJ/ Escola de Comunicação, 1983



Embora se tenha percebido que o periódico não recorre a linha dos “espreme que sai sangue”, algumas das características supracitadas foram encontradas, como os “adjetivos testemunhais”⁶ em textos como o do enterro da secretária Elizabeth. Por exemplo: “*em uma fala emocionada, o único irmão de Elizabeth, Helvécio Souza Pinheiro, lembrou todo o tormento da família.*”/ “*Um dos momentos mais comoventes da solenidade...*” Nota-se que nessa matéria a emoção da família e das pessoas que a acompanhavam recebeu mais destaque que a informação em si, sobre o enterro.

Em alguns dos fatos noticiados, foram observadas palavras que tiveram como finalidade atrair o leitor, levando a um discurso exagerado com a utilização de alguns termos já banalizados. Por exemplo:

“Asilo de Vespasiano ainda não foi fechado apesar dos horrores” – 09/10/2005

“Presos acusados de morte e terror em Betim” – 05/10/2005

“O subgerente da agência do Banco do Brasil dessa cidade do centro-oeste de Minas viveu quatro horas de puro terror...” – 07/10/2005

“A audácia dos criminosos parece não ter limites.” – 08/10/2005

“O terror começou no final da tarde de terça-feira...” – 06/10/2005

A valorização de conteúdos isolados como assaltos a bancos e golpes de estelionato também esteve presente. Em nenhum desses casos houve desdobramento, ao menos publicações, por parte do jornal, responsáveis por dar seqüência aos fatos ocorridos. Também houve o abandono da contextualização político-econômico-social-cultural, prejudicando um amplo entendimento por parte do leitor.

Traçando uma análise das fontes, é possível dizer que estas foram, na grande maioria das matérias, membros da Polícia Civil e da Polícia Militar. As delegacias especializadas eram procuradas de acordos com os crimes cometidos ou com o tema da reportagem. Políticos e representantes de secretarias municipais também serviram como fonte, além das vítimas e testemunhas dos casos. A única matéria em que não se observou a utilização de fontes oficiais foi a do enterro da secretária Elizabeth.

Outro detalhe diz respeito ao tratamento dado às fontes nas notícias policiais por parte do “Hoje em Dia”. Em apenas uma delas foi utilizada a abreviação dos nomes dos envolvidos, como forma de proteger suas identidades. O acontecido foi na matéria

⁶ LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001



publicada no dia 06/10, cujo assunto referia-se a uma quadrilha que invadiu uma festa. As vítimas foram identificadas apenas como “R.G.L., D.G.L. e F.G.L.”.

No que tange às ações policiais nas reportagens, a idéia que o jornal transmitiu delas, com exceção da que noticiou sobre o enterro da secretária Elizabeth, foi a de que estas foram realizadas com dedicação e competência, ocorrendo logo após os incidentes. Em um caso houve a supervalorização de tais ações:

“A prisão foi possível graças à união de forças de 45 policiais civis e militares” (05/10/2005).

Todas as peculiaridades e situações analisadas nas notícias levam a crer que o periódico possui características que fazem com que a editoria de polícia seja cada vez mais “desvalorizada”. O “fontismo oficial e as frases sensacionalistas” contribuem para tal. Por outro lado observa-se uma evolução à medida que não são encontrados grandes números de jargões e palavras “chulas ou pejorativas”.

De acordo com as interpretações que Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari traçam dos conceitos de “anunciar, enunciar, denunciar e pronunciar”, é possível perceber que o jornal, ao tornar um fato público, passa do plano descritivo ao narrativo, reconstituindo ações. Isso possibilita uma relação maior com o leitor e, conseqüentemente, maior identificação do mesmo com o jornal.

Na matéria sobre o fechamento do asilo de Vespasiano, o “Hoje em Dia”, mais do que enunciar faz uma denúncia à medida que expressa, além dos maus tratos sofridos, certos valores morais, ressaltando que a casa de repouso “Cantinho do Céu” situa-se no mesmo local onde antes funcionava o prostíbulo “Rainha de Sabá”.

Conclusão

Considerando todos os aspectos quantitativos e qualitativos até aqui analisados e todas as características e dificuldades inerentes à produção de um jornal diário, que impossibilita ao jornalista uma ampla atividade de pesquisa e apuração dos fatos, é possível afirmar que, ainda que pouca, existe sim uma função social no jornalismo policial do periódico “Hoje em Dia”.

Tal afirmação pode ser compreendida à medida que, paralelamente às fotos de acusados podem ser vistas imagens e descrições de pessoas desaparecidas. Nas matérias referentes ao enterro da secretária Elizabeth e às más condições do asilo de Vespasiano,



há a liberdade para os cidadãos exprimirem sua “revolta” e tomarem conhecimento de trágicas situações. No último caso, houve também o interesse, por parte do jornal, em apurar se o asilo realmente havia sido fechado.

Ainda ressaltando as características positivas do veículo, observou-se a tentativa, presente em alguns textos, de não apenas apresentar o fato policial em si, mas também explicar suas origens e desdobramentos, utilizando-se, por exemplo, de retrancas onde são relatadas as causas da violência estar atrelada a pobreza.

Embora se tenha percebido que o jornal, mesmo direcionado a um público de menor poder aquisitivo, tenha transmitido as notícias de uma forma séria, não se pode descartar as características sensacionalistas ainda persistentes em algumas matérias.

Não se pode excluir o fato de que existem muitas transformações a serem realizadas. Embora o interesse pelo mórbido permeie o inconsciente das pessoas desde a antiguidade, a frequência e a maneira como os crimes ocorrem não são mais as mesmas. Se antes os crimes podiam ser justificados pela sobrevivência, hoje são cometidos em detrimento do desejo de aquisição de bens materiais impostos pela indústria de massa através da mídia. Essa é a questão que precisa ser melhor abordada pelo jornal.

A idéia de que seqüestros, assaltos, furtos, homicídios e tráfico sejam comuns não pode deixar transparecer ao leitor a noção de que os mesmos sejam normais e cotidianos. Caso contrário, a sociedade continuará cada vez mais acostumada a tais infrações, interpretando-as como banais.

É preciso ir ainda mais além. Muito mais do que recorrer à polícia, “ao mocinho e ao bandido” é preciso dar início às análises sociológicas e psicológicas. Voltando ao caso do asilo de Vespasiano, muito maior que a questão dos maus tratos sofridos pelos idosos, está a questão do abandono das famílias, uma vez que foi necessário que duas pessoas morressem para que a situação viesse à tona.

Não se deve retratar sem interpretação ou questionamentos o que está acontecendo, mas de fato buscar efetivas soluções e alternativas para tais situações. Caso contrário o jornalismo policial se transformará de vez, apenas em exercício para os “focas”.

Referências Bibliográficas

COSTA, Maria Tereza P. **O programa Gil Gomes: A justiça em ondas médias.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992



ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo, Atlas, 1981

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986

LE MOS, Cláudia. **Narrar a Violência** – A cobertura policial num jornal popular dos anos 1990. Paper apresentado ao XXIV Congresso da Intercom. Campo Grande.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001

MARQUES, Luís Henrique. **Teoria e prática de redação para Jornalismo Impresso**. Bauru, SP: EDUSC, 2003

PEDROSO, Rosa Nívea. **A Produção do discurso de Informação num Jornal Sensacionalista**. Rio de Janeiro, UFRJ/ Escola de Comunicação, 1983

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986

LIMA, Ana Paula. Fim de um tormento no Colina. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 3 out. 2005. Caderno Minas, p.7

MORENO, Bruno. BH caça dez homicidas. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 4 out. 2005. Caderno Minas, p.13

REZENDE, Cláudia. Interpretação pode atrapalhar referendo. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 4 out. 2005. Caderno Minas, p.15

_____. Porte da arma cai de 958 para 91. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 5 out. 2005. Caderno Minas, p.13

MARTINS, Celso. Fecha-se cerco aos dez mais procurados. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 5 out. 2005. Caderno Minas, p.15

_____. Traficantes cada vez mais armados e sofisticados. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 6 out. 2005. Caderno Minas, p.15

_____. Ex-prostíbulo, asilo é fechado na RMBH. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 8 out. 2005. Caderno Minas, p.16

_____. Aposentado morto por estrangulamento. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 9 out. 2005. Caderno Minas, p.25

ALENCAR, Girleno. Pecuaristas levam calote de R\$ 1 milhão. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 5 out. 2005. Caderno Minas, p.19

_____. Mais um falso médico no Norte de MG. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 8 out. 2005. Caderno Minas, p.19

SANTOS, Gabi. Quadrilha invade festa e faz até bebê de refém. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 6 out. 2005. Caderno Minas, p.15



_____ Tráfico põe família na rua e ateia fogo em casa. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 8 out. 2005. Caderno Minas, p.15

QUEIROZ, Luciene. Quadrilha faz bancário de homem bomba. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 7 out. 2005. Caderno Minas, p.15

NEVES, Luciana. Prefeitura mantém asilo funcionando. **Jornal Hoje em Dia**, Belo Horizonte, 9 out. 2005. Caderno Minas, p.9